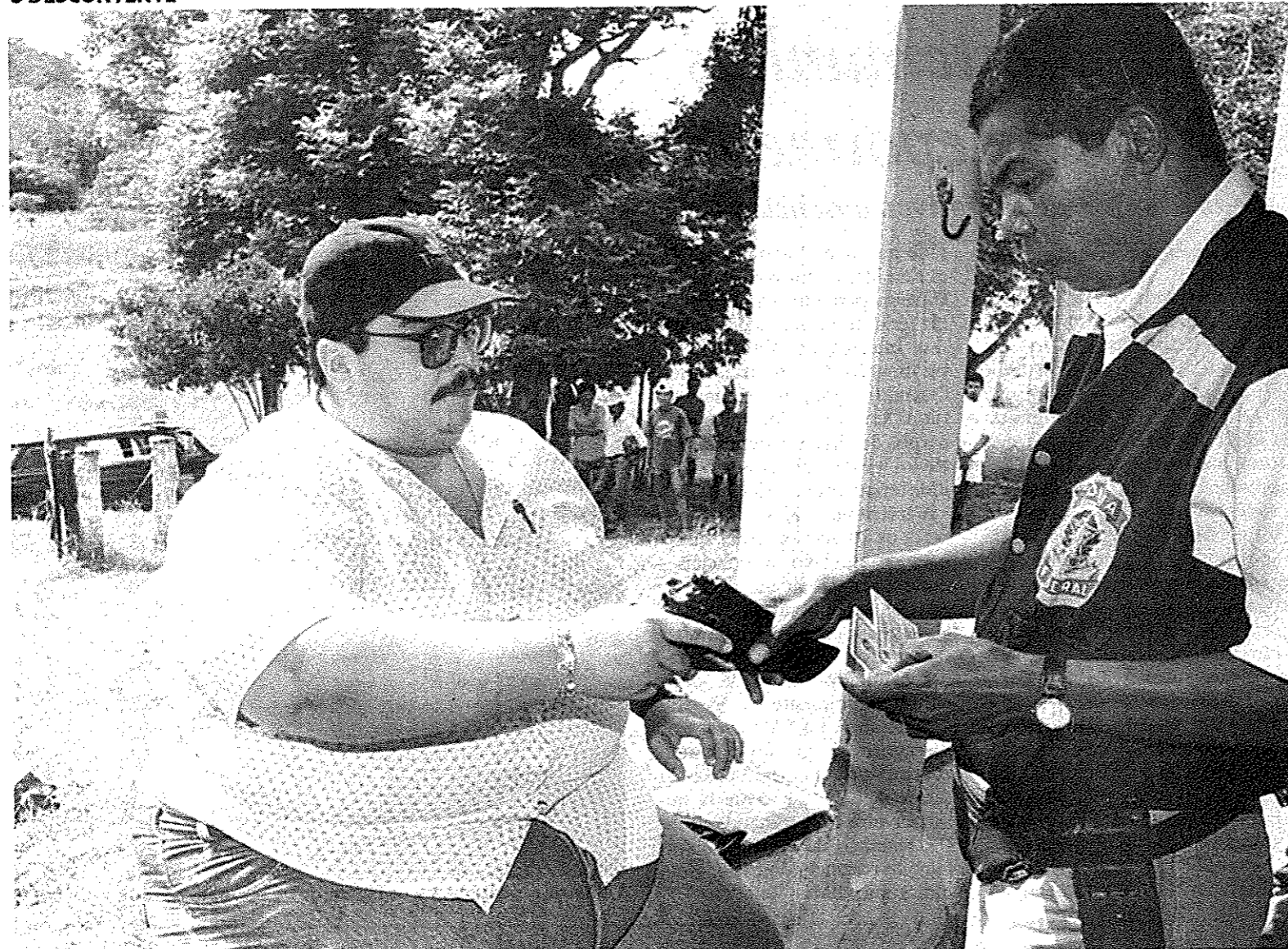


BARBÁRIE 2 Para advogado, nada muda se o caso for para a Justiça Federal porque não houve intenção de matar

Defesa sustenta que índio estava coberto

O DESCONTENTE



Xando Pereira/Folha Imagem

O fazendeiro Marcus Vinícius Gaspar Guimarães entrega sua arma a policial federal em sua fazenda, ocupada por índios pataxós hã-hã-hães

da Sucursal de Brasília

O advogado Rommel Corrêa disse ontem que o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos estava com um cobertor ou com uma manta na hora que os cinco jovens jogaram álcool e fósforos acesos nele por "brincadeira".

Corrêa é defensor dos irmãos G.N.A.J., 16, e Tomás Oliveira de Almeida, 18, e do primo deles, Eron Chaves de Oliveira, 19.

Para o advogado, é indiferente a esfera judicial em que o crime vai ser julgado — Justiça Federal ou Justiça do DF. (BETINA BERNARDES)

Folha - O aparecimento do frentista muda em alguma coisa a estratégia da defesa?

Rommel Corrêa - Não. É homicídio culposo. Eles não tiveram intenção de matar, apenas quiseram fazer uma brincadeira.

Folha - Havia de fato um cobertor? A perícia diz que não havia.

Corrêa - Havia. A perícia chegou depois, o local não foi preservado.

Folha - O fato de terem comprado álcool não mostraria que estavam planejando algo mais grave?

Corrêa - Não. Não é premeditação. O álcool, no caso, como está dizendo o frentista, que reconheceu um deles, é um meio que eles buscaram para fazer a brincadeira.

Folha - Eles compraram uma quantidade grande de álcool. Eles não sabiam que uma pessoa poderia ser incendiada com aquilo?

Corrêa - Aí é que está. O culposo está aí: a imprudência, a imperícia, a negligência. Essa é a trilogia do homicídio culposo.

Folha - Como estão os acusados?

Corrêa - Profundamente abalados, por dois motivos: primeiro, pelo resultado da brincadeira; segundo, pela prisão, porque nenhum deles já se envolveu em alguma contravenção penal.

Folha - Eles já haviam feito antes esse tipo de brincadeira?

Corrêa - Foi a primeira vez.

Folha - Por que eles não falaram que haviam comprado álcool?

Corrêa - Eu não discuti essa questão com eles.

Folha - Existe a possibilidade de o caso ir para a Justiça Federal. Isso muda alguma coisa?

Corrêa - Não.

Folha - Como estão as famílias?

Corrêa - Elas estão profundamente traumatizadas.

Folha - O sr. é assistente de acusação no caso do filho do ex-ministro Odacir Klein. Fabrício teria atropelado por estar brincando?

Corrêa - Não. O caso Klein tem uma conotação e uma dinâmica diferentes. O Fabrício passou cerca de sete horas e meia no churrasco ingerindo bebida alcoólica. Depois atropelou a vítima no acostamento, viu a consequência e fugiu. É completamente diferente.

Folha - No caso do índio, os meninos não viram que ele estava pegando fogo?

Corrêa - Eles não viram a proporção do incêndio.

Para fazendeiro, ocupação foi ilegal

Pecuarista foi desarmado por um policial federal ao chegar à fazenda ocupada pelos índios

LUIZ FRANCISCO
 da Agência Folha, em Pau Brasil

O agricultor e pecuarista Marcus Vinícius Gaspar Guimarães, 37, dono da fazenda Paraíso, em Pau Brasil (BA), disse ontem que a ocupação de sua fazenda pelos índios pataxós hã-hã-hães, ocorrida anteontem, "foi uma ilegalidade compactuada pela Funai e governo federal".

Os pataxós decidiram ocupar a área depois do enterro de Galdino Jesus dos Santos. A fazenda integra uma área de 788 hectares cuja posse foi concedida aos índios em dezembro passado. Guimarães vai receber indenização pelas benfeitorias realizadas.

Segundo o Tribunal Regional Federal da primeira região, a fazenda, comprada há cinco anos, pertence aos índios.

Com 408 hectares, a fazenda possui, além da sede, sete casas, dois depósitos e uma represa. Segundo o dono, a fazenda tem 280 bois e produz entre 800 e 1.000 toneladas de cacau por safra.

O fazendeiro disse que não aceita o argumento usado pelo Tribunal Regional Federal para dar razão ao pedido de posse dos índios. Para o tribunal, não pode existir posse de não-índio em terras indígenas.

"Por esse raciocínio, o governo federal deveria desapropriar a baía de Guanabara e o Palácio do

Planalto, que também já foram habitados por índios." Ele disse que vai recorrer para tentar recuperar sua fazenda.

Ele e os donos das quatro outras fazendas ocupadas retiraram seus pertences ontem.

Os índios se revezaram para dormir na fazenda. Mesmo com 22 policiais federais garantindo a ocupação, apenas 15 índios eram autorizados a dormir três horas de cada vez.

Desarmado

Guimarães foi desarmado ontem por agentes da Polícia Federal dentro da fazenda Paraíso.

Escortado pela PF, Guimarães chegou à fazenda às 9h30, diri-

gindo seu próprio carro, uma perua Santana Quantum. Depois que ele já estava havia 15 minutos na casa, um policial percebeu que o fazendeiro estava armado com uma pistola Taurus 765.

O fazendeiro entregou a pistola e o documento de porte de arma ao agente e disse que estava armado para garantir sua segurança e de seus parentes. "Não penso em partir para um confronto, mas não posso descartar a possibilidade de legítima defesa."

Os agentes disseram ao fazendeiro que sua arma e porte só seriam devolvidos depois que ele deixasse o local. O porte vence em junho do ano que vem e tem validade restrita ao Nordeste.

Juiz volta a pedir isenção

da Sucursal de Brasília

O juiz federal Novély Vilanova da Silva Reis, pai de um dos acusados de incendiar o índio Galdino Jesus dos Santos, divulgou ontem nota reafirmando que o julgamento do seu filho será isento.

"Concito a sociedade brasileira a acreditar na Justiça do Estado. Cabe a ela, e somente a ela, julgar o caso na forma da lei. Não se deixe influenciar por opiniões ou comentários precipitados, que só fazem desacreditar as instituições."

"Sem o propósito de subestimar o episódio, gostaria de dizer que, como pai de Antônio Novély Cardoso de Vilanova, minha dor é igual à da família da vítima. Estou consciente do propósito de Deus para com meu filho", afirmou.

"Somente nós, os pais, sabemos que nossos filhos estão sujeitos aos males dessa sociedade deformada. Filhos bem-criados, filhos de pobre, filhos de rico, filhos de ministro de Estado, filhos de jornalista também podem cometer crimes ou incorrer em desvios morais. Sem querer, Antônio Novély incorreu na infelicidade de ser filho de um juiz federal."

Integridade física

"Imploro às autoridades locais que garantam a integridade física do meu filho, preso em estabeleci-

mento carcerário. Isso não é privilégio, mas sim garantia constitucional", disse.

"Pelo amor de Deus, julguem meu filho pelo que ele fez e não por ser filho de um juiz federal. Na condição de pai, tenho o direito e o dever de prestar-lhe conforto e assistência."

Funai discute hoje situação legal da área invadida

da Sucursal de Brasília

O presidente da Funai, Júlio Gaiger, se encontra hoje com o ministro interino da Justiça, Milton Seligman, para informar a ele a situação dos índios pataxós.

Gaiger disse que foi saber da Justiça local quais seriam os passos jurídicos para que as terras passem

definitivamente aos índios.

Segundo ele, ainda são necessárias decisões judiciais "de dois sentidos". A primeira seria referente a uma ação de posse na Justiça local, que ainda não teve decisão de mérito. A segunda é "agilizar ao máximo" a ação da Funai para devolver a posse das áreas invadidas pelas fazendas da região.

Gaiger deixou a aldeia na manhã de ontem, dizendo que "os índios não só podem como devem permanecer ocupando a fazenda."

A área pataxó foi demarcada em 1926 e, desde então, a posse de terras na região foi sendo dada a alguns fazendeiros, explicou Gaiger.

Sobre as horas que passou em poder dos pataxós, o presidente

disse que não houve sequestro.

"Não fiquei como refém, fiquei como aval de uma demanda na qual a presença do presidente da Funai era peça importante." Ele disse que não se sentiu sequestrado. "Eu sou sequestrado sempre pelos meus deveres", concluiu.

Colaborou a Agência Folha